

# Anseio escatológico do transumanismo

## Eschatological desire of Transhumanism

*Jordano Wanderley Hernández*

### RESUMO

---

O transumanismo caracteriza-se pela crença do autoaprimoramento da natureza humana por meio do progresso científico-tecnológico, que inauguraria uma nova fase na evolução humana. Tal discurso assemelha-se, em alguns aspectos, a de movimentos religiosos e expressa um desejo escatológico subjacente. Destarte, este estudo se propõe a refletir a dimensão escatológica presente na doutrina transumanista. Para alcançar este objetivo utilizou-se do método comparativo, tomando o texto de Paulo 1 Coríntios 15, 35-49 (que aborda a ressurreição dos mortos) como paradigma a fim de auxiliar na identificação dos elementos que comporiam o discurso escatológico transumanista. Estes elementos asseguram a afirmação de uma autêntica escatologia transumanista, com um projeto de imortalidade para humanidade.

---

**Palavras-chave:** Transumanismo, Escatologia, Imortalidade, Paulo.

---

### ABSTRACT

---

Transhumanism is characterized by the belief in its own enhancement of human nature through scientific-technological progress, which would inaugurate a new phase in human evolution. Such discourse resembles, in some aspects, religious movements and expresses an underlying eschatological desire. Thus, this paper aims to think the eschatological dimension present in the transhumanist doctrine. To achieve this purpose, the comparative method was used, taking Paul's text 1 Corinthians 15:35-49 (which deals with the resurrection of the dead) as a paradigm in order to assist in the identification of the elements that would compose the eschatological transhumanist discourse. These elements ensure the affirmation of authentic transhumanist eschatology, with a project of immortality for humanity.

---

**Keywords:** Transhumanism, Eschatology, Immortality, Paul.

---

### Introdução

O transumanismo é uma realidade fática hodierna, pertencente à temática maior do pós-humanismo. Artefatos tecnológicos, próteses, inteligência artificial, engenharia genéticas são realidades de nosso presente. Todos, de algum modo, fomos ou somos afetados

---

<sup>1</sup> Graduado em arquivologia, teologia e filosofia. E-mail: jordanowhernandez@gmail.com . Submetido em: 24/03/2021; aceito em: 30/12/2021.

corporalmente pela tecnologia: seja uma prótese dentária, um marcapasso, uma correção cirúrgica necessária ou estética. Mas isso nos faz ser um humano aprimorado? Faz-nos transumano? O tema é complexo e está em aberto. Muitas são as portas de entrada, pode se analisar desde a perspectiva: política; ética; tecnologia; estética; metafísica; e religiosa.

Diversos pesquisadores da doutrina transumana constataram que há entre seus adeptos (como Larry Page e Ray Kurzweil – aquele cofundador do Google e este seu diretor de engenharia), um elemento religioso em suas propostas para uma humanidade trans (MUTTO, 2020). Elemento este que se expressa muitas vezes em uma linguagem escatológica. Assim, este estudo tem por escopo analisar o aspecto escatológico presente na doutrina transumana, como se caracteriza e qual ideia que busca transmitir.

Para a concretização dos objetivos propostos adotou-se os seguintes passos metodológicos: delimitação dos conceitos, o pós-humanismo é uma doutrina ampla que se divide em várias vertentes, assim é preciso situar e conceituar o transumanismo entre elas. Por conseguinte, toma-se a perícopa paulina 1 Coríntios 15, 35-49 como paradigma de apresentação de alguns dos *éschata* cristãos, em especial o que acontecerá com o homem no fim dos tempos. Com base no texto paulino e por meio do método de comparativo foi possível elencar quais são os *éschata* transumanos e como se caracterizam. Por último, analisou qual o conteúdo da proposta escatológica transumanista.

### Pós-humanismo e suas vertentes

Apesar de não ser um tema novo, discutido desde a segunda metade do século XX, há um consenso entre os estudiosos do pós-humanismo e transumanismo de que se trata de uma teoria difícil de conceituar. Além disso, na última década surge também a nova vertente do metahumanismo, termo que faz parte deste mesmo conjunto semântico. A princípio, far-se-á um esforço por definir o que é e como se caracteriza cada uma das três vertentes hodiernas do pós-humanismo: pós-humano; transumanismo; e metahumanismo.

O pós-humanismo é uma noção altamente ambígua, pode ajudar a analisá-lo como uma ruptura com o humanismo e uma crítica ao antropocentrismo. Serve como um termo guarda-chuva para ideias que explicam, promovem ou lidam com a crise do humanismo<sup>2</sup>. Embora certamente não haja um humanismo que possa ser identificado como um alvo comum das críticas pós-humanistas, existem conceitos e dualidades persistentes na cultura ocidental, como natureza/cultura, homem/mulher, sujeito/objeto, humano/animal ou corpo/mente, que estão profundamente enraizados na tradição ocidental e que são desafiados por pensadores pós-humanistas. Os pós-humanistas estão tentando mostrar como nossos conceitos de corpo, natureza, felicidade, liberdade e realização são socialmente construídos, de modo que impeli a um questionamento mais profundo sobre o presente que se cria.

No cerne está claramente um ideal libertador (de se livrar das dualidades categóricas dentro de qualquer tipo de julgamento): a esperada redistribuição da diferença e da identidade é, em última análise, uma redistribuição de poder. Isto conduz à necessidade de se livrar de uma antropologia que categoriza os seres humanos como constituídos por uma alma imaterial e um corpo material. Por conseguinte, os pós-humanistas estão a apresentar uma descrição não dualista dos seres humanos. Como o conceito de ser humano no humanismo implica o conceito de corpo material e alma imaterial ou mente, eles sugerem referir-se a essa nova compreensão do ser humano como pós-humano. Obviamente, a tentativa de transcender as dualidades categóricas vai muito além desse ponto específico e atinge a relação entre seres humanos e animais, entre máquinas digitais e mecânicas ou entre homens e mulheres. De acordo com Andy Miah:

---

<sup>2</sup> Às vezes, "pós-humanismo" é usado em um sentido amplo, englobando o transumanismo como uma forma de pós-humanismo *tecnológico* também.

Desta forma, uma premissa crucial do pós-humanismo é sua postura crítica em relação à ideia de que os humanos são uma espécie superior na ordem natural. Nesse sentido, o "pós" do pós-humanismo não precisa implicar em ir além da humanidade de alguma maneira biológica ou evolucionária. Em vez disso, o ponto de partida deve ser uma tentativa de compreender o que foi omitido de uma visão de mundo antropocêntrica. (MIAH, 2008, p. 77).<sup>3</sup>

Ao fazer uma análise histórica do termo, Miah (2008, pp 81-90) identificou três tipos de pós-humanismo, ou como define o autor, três posturas: *pós-humanismo filosófico*, *pós-humanismo cultural* e *pós-humanismo tecnológico*.

- *Pós-humanismo cultural* pertencem às críticas filosóficas e culturais pós-modernas que determinaram o fim do humanismo, ou seja, o fim do "universo centrado no homem". O humanismo – visto como um dogma prejudicial – foi acusado de ser a causa do colapso da humanidade e o pós-humanismo (como o pós-modernismo) é a tentativa de reescrever a definição de ser humano para superar as deficiências do humanismo. Os teóricos culturais estão preocupados com as narrativas da alteridade e sua capacidade de serem politicamente divisores. Nesta visão, o apelo do pós-humano está na desestabilização dos valores humanistas – como a aspiração de perfectibilidade ou o valor de controlar a natureza. Sua postura é de inserção da mudança nos processos sociais, com interesse em dar voz às comunidades marginais. O anti-humanismo de Derrida, Foucault e outros pensadores pós-modernos dariam origem ao pós-humanismo cultural;
- O *pós-humanismo filosófico* consiste na crítica filosófica ao humanismo e do projeto Iluminismo de maneira mais ampla, cujas suposições são apresentadas como ingênuas ou contraditórias. No passado, os filósofos tentaram definir a humanidade distinguindo-a de outros tipos de entidade, como: animais, máquinas, autômatos e até mesmo Deus. No entanto, a postura filosófica do pós-humanismo desafia a ideia de que a humanidade é um conceito fixo. Na realidade, possui um entendimento crítico, do que lhe parece ser exagerado, em relação ao que se compreende por humanidade. Essa postura vê-se como um imperativo moral para atender ao colapso da responsabilidade social diante das mudanças catastróficas provocadas pelo homem;
- *Pós-humanismo tecnológico* caracteriza-se pela ideia do autoaprimoramento corporal como projeto central, também conhecido como transumanismo tecnológico. De modo geral, visa dar continuidade ao ideal iluminista de aspirar ao progresso por meio do emprego da tecnologia (como conhecimento). Essa vertente será melhor aprofundada no parágrafo seguinte.

Anya Bernstein (2015, p.767) definiu de forma sucinta e objetiva o Transumanismo como: “o nome de um movimento intelectual e cultural internacional que visa transformar a natureza humana, desenvolvendo as ferramentas para realizar uma ‘atualização radical’ do ser

<sup>3</sup> In this fashion, a crucial premise of posthumanism is its critical stance towards the idea that humans are a superior species in the natural order. In this sense, the ‘post’ of posthumanism need not imply moving beyond humanness in some biological or evolutionary manner. Rather, the starting point should be an attempt to understand what has been omitted from an anthropocentric worldview. (Tradução do autor).

humano”.<sup>4</sup> O transumanismo pode ser entendido, assim, como uma postura que afirma a transformação radical das capacidades biológicas e das condições sociais humanas por meio de tecnologias. Essas transformações são amplamente percebidas como aprimoramento humano, que podem ser tão fundamentais que dão origem a formas de vida com características significativamente diferentes a ponto de serem percebidas como outras que não as humanas. As aspirações transumanistas estão alicerçadas em uma firme confiança no progresso científico e na tecnologia. Seu foco principal hoje é em tecnologias emergentes e convergentes, como nanotecnologia, biotecnologias e meios de reprodução artificial, tecnologias de informação, a realidade aumentada e simulada e ciências cognitivas a fim de aumentar a probabilidade de surgimento de pós-humanos. A colonização do espaço transformará a cultura e a sociedade de maneiras sem precedentes e eles (como indivíduos) desejam experimentar este futuro (e dar a outros indivíduos a oportunidade de experimentá-lo também).

Os adeptos desta teoria afirmam que existe uma obrigação moral, mas não legal, de usar técnicas de aprimoramento específicas. Segundo Sarah Chan e John Harris (2012, p. 80) está claro que o homem já interfere na evolução humana de muitas maneiras, sendo-o um produto da evolução do aprimoramento moldada pela tecnologia e também pela natureza, e indagam: “por que seria errado transformarmos-nos em uma espécie diferente?”<sup>5</sup> Esta visão demonstra a crença do pós-humanismo tecnológico no surgimento de uma nova fase na evolução da espécie humana na qual as tecnologias aumentarão as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas de modo a eliminar as limitações atuais, como o envelhecimento. É uma renovação contemporânea do humanismo, pois abrange e amplia aspectos centrais do pensamento secular e humanista do Iluminismo, como a crença na razão, individualismo, ciência, progresso, bem como autoaperfeiçoamento ou cultivo. A teoria da evolução desempenha um papel central na compreensão dos seres humanos.

É importante distinguir duas vertentes principais do transumanismo no que diz respeito às tecnologias para aumentar a probabilidade de originar o pós-humano:

- A primeira, por meio de alterações genéticas, de modo que o pós-humano seja membro de uma nova espécie ou tenha pelo menos uma qualidade que vai além das possuídas pelos seres humanos atuais. O ser humano simplesmente continua fazendo o que sempre fez, ou seja, inventou e usou técnicas para tornar sua vida melhor ou mais fácil. Diante desse entendimento, o transumanismo é apenas uma afirmação particular do uso de tecnologias para promover a alteração do ser humano.
- um segundo movimento enfatiza particularmente o pós-humano como uma entidade do ciberespaço. Concentra-se particularmente na tecnologia de baixar a personalidade de alguém para um computador, de forma que possa ser multiplicada, ser reintegrada em um novo organismo ou continuar vivendo no ciberespaço. Este procedimento é conhecido como *upload* de mente ou emulação de todo o cérebro.

Por último e mais recente é o Metahumanismo, que tem entre seus expoentes Stefan Lorenz Sorgner e Jaime del Val (2011). Se o pós-humanismo é uma crítica ao projeto Iluminista e o transumanismo pode ser entendido como esse projeto levado ao extremo<sup>6</sup>, o Metahumanismo, por sua vez, tem como êmulo a filosofia cartesiana que dividiu os sujeitos externos a uma realidade objetiva e a outros sujeitos. Também rejeitam o conceito humanista

---

<sup>4</sup> Transhumanism is the name of an international intellectual and cultural movement that aims to transform human nature by developing the tools to accomplish a “radical upgrade” of the human being. (Tradução do autor).

<sup>5</sup> [...] why would it be wrong to turn ourselves into a different species? (Tradução do autor).

<sup>6</sup> Steve Fuller (2014, p. 201) assevera que enquanto o transumanismo é ultra-humanista, o pós-humanismo é anti-humanista.

de *antropos* e suas premissas fundamentais como livre arbítrio, autonomia e superioridade dos *antropoi*. É intitulado metahumanismo porque está além de um conceito dualista de humanismo (meta pode significar "além"), mas também entre os movimentos de pós e transumanismo (meta também pode significar "entre"). É uma abordagem que busca afirmar versões fracas tanto do trans- quanto do pós-humanismo, e que tenta aproximar esses dois discursos, mas ao mesmo tempo representa uma alternativa a essas abordagens (SORGNER, 2014, p.44).

Seus idealizadores propõe a visão da realidade como campo não quantificável de corpos relacionais, chamado de *metabodies*. A realidade é vista como um metabolismo (ecologia relacional) que deve ser entendido como um corpo relacional sustentável que inclui antropoi, outras espécies, tecnologia e o meio ambiente. Uma das sugestões do metahumanismo foi introduzir a noção do metahumano como uma forma de se referir a um conceito não dualista do humano para evitar a confusão com o termo pós-humano de transumanistas. Como ilustração do que isso significa, o metahumano é um ser metassexual, isto é, um ser não categorizado por termos de sexo ou gênero morfológico, mas sim por uma *amorfogênese* de infinitos sexos potenciais. Por ser uma tendência nova, ainda existe pouca literatura sobre o tema.

Segundo Lorenz Sorgner a relação entre pós, trans e metahumanismo não é clara, mas o que se pôde averiguar nos discursos pós-humanos é que:

[...] os seres humanos não são mais vistos como coroação ou entidade categoricamente separada em relação a outros seres naturais, mas são vistos meramente como gradualmente diferente de outros seres naturais; portanto, em comparação com os tipos de humanismo cristão e kantiano, as várias abordagens além do humanismo clamam por uma nova modéstia, porque não nos vemos mais como infinitamente superiores a todos os outros seres naturais<sup>7</sup> (SORGNER, 2014, p.29).

Destarte, tanto o trans-, meta- quanto o pós-humanismo defendem um movimento além da ética antropocêntrica humanista, no caso do trans e do pós frequentemente em direção a fins opostos (HUGHES, ano, p. 136). O que se constata é uma insatisfação geral com o estado atual da humanidade e um sentimento, como bem identifica Fuller (2014, p. 201), de que se está “à beira de uma mudança ontológica, em que do outro lado serão seres fundamentalmente diferentes de nós”.<sup>8</sup>

Libertar seres humanos é o objetivo principal do transumanismo e do pós-humanismo cultural. De um lado, o transumanismo visa libertar os humanos de sua limitação biológica, por outro o pós-humanismo pode ser identificado com uma abordagem crítica que espera libertar os humanos dos efeitos nocivos do paradigma humanista estabelecido, desmascarando suas falsas suposições. O comum entre as três correntes é considerar o humanista “humano” como desatualizado, seja em termos fisiológicos ou conceituais.

Não é raro entre alguns estudiosos da questão pós-humanista a percepção de que algumas das ideias, em especial entre os transumanistas, assemelham-se a de movimentos religiosos, como fica evidente nas palavras de Pederiva (2017): “o transumanismo, [...] começa, ao contrário, a representar uma verdadeira ideologia, uma espécie de posição estética,

<sup>7</sup> human beings are no longer seen as coronation or categorically separate entity with respect to other natural beings, but are seen as merely gradually different from other natural beings; hence, in comparison to Christian and Kantian types of humanism, the various beyond humanist approaches plead for a new modesty, because we no longer see us as infinitely superior to all other natural beings. (Tradução do autor).

<sup>8</sup> we are on the verge of an ontological step-change, on the other side of which will be beings fundamentally different from ourselves. (Tradução do autor).

uma provocação, senão até um novo credo religioso”. Mas qual seria esse elemento religioso presente nos movimentos pós-humanistas? Deveras que os adeptos dessas teorias têm uma proposta ética, estética, sócio-política e antropológica, assim como as religiões também possuem cada qual a sua. Entretanto, estes aspectos não os definem como religião. A ideia que se pretende refletir neste estudo é a de que o transumanismo possui uma característica que é própria dos movimentos religiosos: a dimensão escatológica<sup>9</sup>. Pós-, meta- e transumanismo tentam ir além do humanismo, em que “surgem ideias sobre o futuro da humanidade”<sup>10</sup> (MIAH, 2008 p. 97). Debatem e planejam uma proposta de futuro para a humanidade. Entretanto, esse debate não é um futuro por vir, mas que se encontra em construção no agora — é presente — algo escatológico (é, ainda não é). Destarte, pode-se afirmar com segurança que há uma dimensão escatológica que lhe é mui própria; mas como ela se configura?

### 1 Coríntios 15, 35–49 como paradigma escatológico cristão

A fim de compreender a afirmação de existência de uma escatologia transumanista, seria proveitoso discorrer sobre a escatologia cristã numa perspectiva comparativa com vista a ver semelhanças e diferenças entre elas. Por esta razão, sugere-se uma breve análise de 1 Coríntios 15, 35–49 de São Paulo como paradigma, pois nesta períclope aborda-se o tema da ressurreição dos mortos e, desta forma, uma apresentação sintética tanto da antropologia como da escatologia cristã.

A primeira epístola aos Coríntios é uma carta de temas variados, na qual Paulo busca responder as questões e opiniões dos destinatários. A períclope 1 Coríntios 15, 35-49 pertence ao quinto discurso da epístola (1Cor 15) e visa esclarecer como e com que corpo será ressuscitado. Trata-se de uma das grandes dúvidas da comunidade de Coríntio, uma vez que esta, em sua maioria, era de origem grega e não dava valor salvífico à matéria (ao corpo). Diz o texto paulino:

35 Mas alguém perguntará: Como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltarão? 36 Insensato! O que semente não recebe a vida sem antes morrer. 37 E o que semente não é o corpo da planta que vai nascer, mas um simples grão, de trigo ou de qualquer outro vegetal; 38 é Deus que lhe dá um corpo, conforme estabeleceu: a cada semente o corpo que lhe é próprio. 39 As carnes todas não são as mesmas, mas uma é a carne dos homens, outra a dos animais, outra a carne das aves, outra a dos peixes. 40 Existem também corpos celestes e corpos terrestres, mas um é o brilho dos celestes, outro o dos terrestres. 41 Um é o brilho do sol, outro o da lua, outro o das estrelas. Até uma estrela difere de outra quanto ao brilho. 42 Pois assim acontece com a ressurreição dos mortos: 43 semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita glorioso; semeado na fraqueza, ressuscita com vigor; 44

<sup>9</sup> Importante ressaltar que este estudo também identificou outro elemento religioso na temática pós-humanista: a dimensão soteriológica, De acordo com Tirosh-Samuelson (2014, p. 52) “Embora o pós-humanismo tecnológico seja ostensivamente secular, na realidade está repleto de motivos religiosos. Na verdade, o cenário tecno-futurista vê a própria criatividade mecânica como a salvação da humanidade, uma vez que irá destruir o que é mais problemático sobre o corpo humano biologicamente evoluído.” Como expressado no texto, a libertação dos humanos é o objetivo último, essa libertação soe ter um caráter soteriológico. Contudo por delimitação do problema aqui proposto não se abordará.

<sup>10</sup> [...] where ideas about the future of humanity emerge (Tradução do autor).

semeia-se um corpo animal, ressuscita um corpo espiritual. Se existe corpo animal, há também corpo espiritual. 45 Pois está escrito: “O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente”; o último Adão é um espírito que é fonte de vida. 46 Não foi feito primeiro o espiritual, mas sim o animal; o espiritual vem depois. 47 O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; mas o segundo homem vem do céu. 48 Tal como é o homem terrestre, assim são os homens terrestres; tal como é o homem celeste, assim também serão os celestes. 49 E assim como trouxemos em nós a imagem do homem terrestre, traremos em nós também a imagem do homem celeste.

No exórdio (15, 35) da perícopie, Paulo introduz seu discurso com duas indagações: efetivamente como e com que se dá a ressurreição dos mortos? Que vida é esta? A argumentação (15, 36d-47), por sua vez, desenvolve-se a partir da perspectiva do *como*, parte de uma reflexão teológica fundada em duas analogias: o símil da semente e colheita; e do corpo. O autor nos versículos 36.42-44 utiliza-se da antítese entre os vocábulos semeia/ressuscita [corruptível/incorruptível, desprezível/glorioso, fraqueza/vigor] em que a germinação mais que um fenômeno natural é, em realidade, um processo da vontade divina, o ressuscitado não perece, não é débil, é ação de Deus. Além disso, a expressão *corpo espiritual* (v. 44) é um oxímoro, uma vez que Paulo não afirma uma materialidade do espírito, mas apresenta a transformação do homem, que é uma realidade mesma. Paulo passa de um corpo natural/animal (σῶμα ψυχικόν) com ânsima, vida, a um corpo ressuscitado (σῶμα πνευματικόν) só que agora em condição espiritual, não obstante se trata do mesmo corpo – mas melhor.

Prosseguindo com esta ideia da transformação, Paulo nos vv. 45-49 faz um paralelismo entre o *primeiro* e *último Adão*<sup>11</sup>: o primeiro homem é feito de barro e terra, submetido às leis e a corrupção, e que a morte é conduzido; já o segundo homem é do céu e conduzido à vida. Por intermédio deste paralelo, o autor demonstra que a imagem (εἰκόνα), melhor dito a natureza, do homem é ser transformado como o homem celeste.

Por fim, tem-se em 15, 48-49 a conclusão da perícopie, na qual Paulo encerra sua argumentação de forma propositiva apresentando sua tese de que assim como pelo pecado de Adão levou-nos a imagem da mortalidade, por Cristo seremos com Ele, levaremos uma imagem da imortalidade (BRAY, 2001, p. 250–251). O verbo está na primeira pessoa do plural, ou seja, trata-se de uma transformação universal: a todos. Paulo afirma com convicção que a ressurreição é o ponto central na fé cristã, em que todos são chamados a participar. Por meio das analogias de semente e de corpo, tenta esclarecer a ideia até alcançar o conceito de corpo espiritual, que o homem (ἄνθρωπος) é transformado qualitativamente. Falar de ressurreição do corpo [a perícopie assume a corporalidade como algo positivo] é falar da uma questão antropológica, o que se compreende como ser humano. Em 1 Coríntios 15, 45–49 apresenta a condição humana como terrestre, oriundo da terra e é animal. No entanto, o homem está destinado a ser imagem do celeste (v. 49) que é Cristo. Uma nova criação, em que o homem volta a ganhar vida.

Em 1Cor 15, 35-49 encontra-se alguns conceitos chaves do pensamento cristão. O primeiro é “ressurreição dos mortos”. Segundo Richard Hays (1997, p. 270), para Paulo o importante é que não se trata de “ressurreição de cadáveres”. O conceito de ressurreição implica necessariamente a transformação num estado novo e glorioso. De acordo com Hays, o texto paulino conduz a tese central da unidade, que o corpo ressuscitado é um “corpo

<sup>11</sup> Vale notar a observação de Richard Horsley (1998, p. 212) a de que Paulo não cita diretamente a Cristo algures neste parágrafo (15, 44-49), o que é incomum para o apóstolo.

espiritual”, livre da debilidade. Expressa um paradoxo, que desafia as categorias de nossa compreensão finita, há que esperar a colheita. Hays (1997, p. 272) esclarece que o conceito de “corpo espiritual” não pode ser entendido como se fosse feito de espírito e vapores, mas que o corpo ressuscitado encarnará a πνευμα [espírito] divinamente dada, determina-se pelo espírito. A transformação do corpo é um acontecimento escatológico, uma ressurreição futura associada com a Parusia<sup>12</sup> de Jesus Cristo.

Richard Horsley (1998, p. 208) comenta que o foco aqui é de uma continuidade, uma transformação futura do corpo. Ele nota que Paulo se centra em Adão e Cristo como protótipos históricos e escatológicos. Ao asseverar que o segundo homem é do céu (v. 47) trata-se de uma referência inequívoca a Cristo e a Parusia, com ênfases na sequência histórico-escatológica dos homens. Tanto Hays (1997) como Horsley (1998) recordam que o homem é um ser temporal, que se dá na história, mas caminha até uma escatologia, a uma plenitude, configurar-se com Cristo. Entretanto, não é algo alcançado pela simples vontade humana, mas uma graça divina.

Não se deseja aqui realizar um estudo exegético, tampouco teológico, ainda que contribua para esclarecimento da perícope. Mas a perícope paulina de 1 Coríntios 15, 35 – 49 serve de paradigma a fim de elencar alguns dos *éschata*<sup>13</sup> que caracteriza a escatologia cristã: o homem é um ser unitário, composto de corpo e alma e sem divisão; a ressurreição dos mortos, que implica uma vida após a morte; há uma sequência histórica, é o mesmo corpo; mas um corpo em novo estado (uma transformação), um corpo espiritual; a ressurreição – essa transformação – não é fruto do esforço ou vontade humana, mas uma graça divina que se realiza em Cristo; há um tempo determinado (o futuro) para realização desta promessa religiosa, será na Parusia; e por último, é um fato transcendental e universal (a todos). Justamente, cada um desses elementos irá, de algum modo, compor ou se opor a proposta escatológica do pós-humanismo.

### Os *éschata* transhumanista

De acordo com Tirosh-Samuelson (2014, p.60) o transumano, compartilham com as religiões monoteístas um forte impulso escatológico, com a diferença que este fim do mundo é uma meta que pode ser alcançada somente pelos esforços humanos, por intermédio da tecnologia. Neste momento, com norteamo da perícope paulina, buscar-se-á identificar os *éschata* que caracterizam o movimento transumanista e, por conseguinte, compreender qual futuro escatológico proposto.

O primeiro aspecto é, na realidade, uma questão metafísica. O que existe é uma dualidade mente-corpo como uma estrutura ontológica aceitável. Se na Antiguidade greco-romana a dicotomia era corpo/alma, a alma já não é mais uma realidade para esses movimentos. Esta dualidade do homem será fundamental, porque a partir desta que se alicerça o postulado da transformação radical da natureza humana e o ponto de partida é o corpo humano. O que se verifica é uma visão bio-funcionalista do homem, entendido como um ser

<sup>12</sup> Parusia (παρουσία) é um termo de origem helenístico, era usado tanto no sentido sacro, para presença de divindades, como profano com visitas de governantes ou altos funcionários. Estas visitas eram acompanhadas de discursos lisonjeiros, iguarias para comer, ruas adornadas. Era comum realizar reclamações e pedidos aos governantes em tais visitas, sendo ocasião de esperança para quem se encontrava em dificuldade. Com cristianismo primitivo a ideia de Parusia sofre uma transformação, o seu conteúdo essencial é derivado do judaísmo do Antigo Testamento, mas com Paulo se refere à vinda gloriosa de Cristo no final dos tempos, para o cumprimento do Juízo Final, descrito como o último julgamento de Deus sobre os seres da Terra e a instauração definitiva do governo eterno de Deus que ultrapassa a história.

<sup>13</sup> Ἔσχατά significa as coisas últimas (de ἔσχατος – último), de modo geral pode entender como o conteúdo das promessas, melhor dito, da esperança escatológicas.

em transição, pois este ainda está no processo evolutivo e a tecnologia deve ser utilizada para controlar conscientemente sua evolução. Pois, conforme os teóricos transumanistas “a vida não deve constituir o fim da linha evolutiva do sapiens” (MUTTO, 2020).

Este postulado conduz ao grande anseio existencial desta doutrina: a Imortalidade. Em seu estudo etnográfico, a antropóloga russa Anya Bernstein (2015, p. 767) demonstra que “a maioria dos transumanistas acredita na inevitabilidade da imortalidade física”<sup>14</sup> e que o debate nos círculos internos se dá em como esta vida eviterna será lograda. Alguns creem numa imortalidade conquistada exclusivamente por meio da ciência de ponta, outros numa miscelânea de ciência com tecnologias transcendentais do corpo provenientes de várias religiões. Há desde criogenia (ou criopreservação, que é congelamento de cadáveres em nitrogênio líquido na esperança de trazê-los de volta a vida no futuro) ao “*upload* mental” (emulação de todo o cérebro) que é a possibilidade de separar a mente do cérebro biológico e transferi-la para computadores, com objetivo de “baixar” a consciência de alguém a fim de ser reintegrada em um novo organismo, corpo robótico, ou continuar vivendo no ciberespaço, (DICKEL; FREWER, 2014, p. 121-122) e deste modo eliminar a própria necessidade de um corpo físico. É possível identificar semelhanças do *upload* mental com a prístina teoria da transmigração da alma (que não é somente de cunho religiosa, também se encontra na filosofia platônica e outras). Só que em vez de alma, agora é a mente, e se a alma esquecia tudo ao encarnar, o objetivo aqui é justamente armazenar e recordar. Não seria errado de designar como a teoria da transmigração da mente.

Seja pela criogenia, seja pelo *upload* mental, o prolongamento da vida é o prolongamento do mesmo sujeito com sua história e consciência. Ora, aparentemente não se difere da fé cristã, em que a ressurreição do homem é com toda sua história, sua maneira de estar e relacionar-se e, nada da vida humana se perderia por Deus. O detalhe reside do ponto de vista temporal, a diferença está que a imortalidade transumanista é uma continuidade do temporal. O histórico não é assumido, mas continuado. Os que optam pela criogenia, por exemplo, estão em uma espécie de interregno da vida (ou da morte) e quando (se a confirma a efetividade desta tese) despertados prosseguirão com sua história após uma pausa.

A imortalidade é uma questão central para as esperanças de transformar os humanos. Uma vida sem fim e com boa saúde. Entretanto, a vida humana tem sido marcada por limitações como a deficiência, a velhice, a corruptibilidade do corpo e por fim a morte (o maior obstáculo). A humanidade atingiu um progresso tecno-científico tão promissor que para o movimento transumanista é como um imperativo moral utilizar esse progresso em benefício do aprimoramento próprio. Tudo, como referido acima, dentro de uma perspectiva evolucionista. Destarte o corpo humano passa a ser visto como uma prótese que pode ser aprimorado tanto biológico, como tecnologicamente, inclusive ser fundido com a máquina ou trocado. Trata-se de um autoaprimoramento, uma nova fase na história evolutiva da espécie humana que aumentará sua capacidade física e mental, por meio de prótese ou engenharia genética. É uma nova humanidade – aprimorada – em um corpo perfeito, privado de todas as obsolescências atuais. É algo transcendental, uma vez que transcende bio-tecnologicamente a fragilidade do corpo, tornando-se seres humanos mais felizes e virtuosos e que suplementará a atual. Sobre os humanos aprimorados, Tirosh-Samuelson observa que:

Na transição do humano para o pós-humano, o transumano aprimorado abrirá o caminho para o *Reino Virtual*, no qual os humanos serão irrevogavelmente transformados. O planejado

---

<sup>14</sup> Sincemost transhumanists believe in the inevitability of physical immortality (Tradução do autor).

desaparecimento do humano encarnado é visto como uma bênção e constitui a esperança para a humanidade, uma vez que a encarnação biológica humana é considerada um fardo e uma maldição. É precisamente porque os humanos assumem o controle do processo evolutivo por meio da engenharia que os humanos serão capazes de se libertar de suas limitações.<sup>15</sup> (TIROSH-SAMUELSON, 2014, p. 56 grifo do autor).

É a construção de um novo reino. Não é um dom. Conquistado e realizado por esforço e ciência humana, porém.

Quando sucederá tudo isso? Quando não se sabe, todavia se pode asseverar que é algo de nosso presente – agora – para um futuro – ainda não é. Pode ser num período de curto ou em longo prazo, mas é um projeto que visa uma longevidade. O alcance deste projeto, por uma questão financeira, é somente para quem tem condições de custear. Por esta razão, que os adeptos do transumanismo defendem que governos de diversos países devam financiar as pesquisas de aprimoramento, a fim de que uma maioria possa também ser beneficiada.

Por último, um ponto citado pelo estudo de Bernstein (2015, p. 777) é o aspecto intersubjetivo na criogenia. Porque congelar o corpo de alguém na espera de reanimação futura está fundada em uma espécie de pacto intergeracional, de que há uma comunidade que cuida, mantém por gerações sucessivas, até uma sociedade para acordar e acolher. Assim, pode-se visualizar as duas propostas escatológicas da seguinte forma:

Escatologia cristã	Escatologia transumana
O homem é um ser unitário, composto de corpo/alma e sem divisão	Dualidade mente/corpo
Ressurreição dos mortos	Imortalidade corpórea/secular
Corpo espiritual – novo estado	Corpo autoaprimorado bio-tecnologicamente
O tempo é uma progressão histórico-escatológica (há um fim)	O tempo é histórico-evolutivo (assume a teoria da evolução)
A história de cada homem é assumida	Transmigração da mente, história continuada
Realização futura, com a Parusia	Prolongamento do futuro/da vida
Ressurreição é uma graça divina	Imortalidade é uma conquista do esforço humano
Transcendental e universal (encontro pessoal/comunitário)	Transcende o biológico, mas acessível a poucos (no momento)

### Escatologia transumanista

No item anterior verificou-se que o aspecto religioso presente na doutrina transumanista tem forte apelo escatológico, que as promessas/serviços, o futuro propalado por seus adeptos, são lídimos *éschata*. Como dito anteriormente, aspecto este apontado já por diversos estudiosos da temática e designado de distintas maneiras:

<sup>15</sup> In the transition from the human to the posthuman, the enhanced transhuman will usher the way for the Virtual Kingdom, in which humans will be irrevocably transformed. The planned disappearance of embodied human is viewed as a blessing and constitutes the hope for humanity, since human biological embodiment is regarded as a burden and a curse. It is precisely because humans take charge of the evolutionary process through engineering that humans will be able to liberate themselves from their limitations. (Tradução do autor).

impulso escatológico (Tirosh-Samuelson, 2014); escatologia secular (Anya Bersstein, 2015); credo religioso (Pederiva, 2017); expectativa escatológica (Lippert-Rasmussen e Thomsen, 2012). O seguinte passo é compreender qual a mensagem que se busca transmitir.

É inquestionável que o transumanismo faz uso de um vocabulário muitas vezes próprio da religiosidade. Poderia argumentar que se está a utilizar de conceitos religiosos enquanto constroem uma linguagem técnica própria. Isso não seria nenhuma novidade na história do conhecimento. A Filosofia utilizou-se de conceitos míticos (como concórdia e discórdia) em seu início, na transição do pensamento mítico ao filosófico. Próprio Freud recorreu à linguagem mítico-religiosa para expressar de modo científico a incipiente psicanálise. Contudo a pergunta que surge é: está a nascer um novo tipo de conhecimento humano? No caso do transumanismo a resposta demonstra ser-se negativa, uma vez que não se trata de uma nova disciplina, mesmo que amparada em diversas outras (nanotecnologia, engenharia genética, etc.). Apesar de ser uma doutrina dotada de teoria e prática, o transumanismo – a diferença da Filosofia e Psicanálise –, não tem o intuito de compreender um fenômeno da realidade, ou descrevê-la. Ao contrário, quer moldar, transformá-la, estabelecer padrões para um novo mundo. Quem atua deste modo são a política e a religião. Por isso, não soa estranho que alguns estudiosos interpretam esta doutrina como sendo um movimento político ou religioso, e até como político-religioso.

Destarte, o transumanismo tem um projeto de padrão de mundo e para onde deve ser a direção geral da existência humana à luz das oportunidades atuais (LIPPERT-RASMUSSEN; THOMSEN, 2012, p. 18); e sua escatologia aponta qual é o horizonte. Tomando mais uma vez o paradigma da fé cristã, esta tem como conteúdo escatológico que “o Senhor está próximo, ou vem, ou virá” (ZIZIOULAS, 2014, p. 4). A escatologia cristã é acerca da esperança, não é uma descrição antecipada dos acontecimentos futuros, mas a transposição ao futuro (a plenitude) do que se vive hoje de forma deficiente. Se pudesse caracteriza a escatologia cristã em uma palavra, esta seria plenitude: esperança de uma vida plena em Cristo. Mas para essa realização muitos de nós terá que traspasar pela morte.

Por sua vez, o conteúdo escatológico transumanista pode ser interpretado da seguinte forma: “podemos alcançar os frutos/promessas da plenitude sem precisar realizar o traspasso da morte, por meio dos avanços tecnológicos”. Do modo mais simples, pode ser traduzido por meio do seguinte anécdotico popular “todo mundo quer ir para o céu, mas ninguém quer morrer.” Exatamente isso que expressa à escatologia transumanista, a morte não é necessária já que ela “torna a vida desesperadamente sem sentido porque efetivamente anula a continuidade da realização humana”<sup>16</sup> (BERNSTEIN, 2015, p. 769).

Deveras, o que se tem no transumanismo é uma *autoescatologia*, uma escatologia buscada e realizada pelo próprio transumano. Ela apontaria para uma esperança de um futuro melhor, que se efetivará por meio do progresso da ciência e da técnica; pela busca da perfeição e do autoaprimoramento humano; a eliminação de “males sociais como pobreza, doença e sofrimento”<sup>17</sup> (TIROSH-SAMUELSON, 2014, p. 60). Ora, um ponto comum entre as escatologias de diversas religiosidades é o traspasso pela morte<sup>18</sup>. Entretanto, a proposta transumanista quer suprimir o fim da vida, tornando-a eviterna. O que se há é uma privação voluntária da morte, talvez o mais apropriado fosse dizer uma vida amortal do que imortal. É poder gozar da plenitude sem precisar de morrer, sem precisa de esperar pelo retorno do Cristo, no caso cristão. Portanto, a autoescatologia transumanista pode ser caracterizada como:

<sup>16</sup> [...] in the opinion of transhumanists, death renders life hopelessly meaningless because it effectively annuls the continuity of human achievement. (Tradução do autor).

<sup>17</sup> [...] eliminating social ills such as poverty, sickness, and suffering; (Tradução do autor).

<sup>18</sup> Não significa que todos devam morrer necessariamente, não é uma condição *sine qua non*, a própria fé cristã na segunda vinda de Cristo entende que alguns estarão vivos quando ela ocorrer.

secular (não como contraponto ao religioso, mas no sentido de temporal); amortal; aperfeiçoada (aprimorada); e voluntarista.

O transumanismo, como indicado acima, leva a crença na ideia de progresso humano ao seu limite. Isto se reflete numa autoescatologia transumanista, um anseio de um projeto de futuro escatológico próprio construído. Evidentemente que o elemento religioso do transumanismo não se resume somente a dimensão escatológica, há também outros aspectos presentes. Trata-se de um tema que merece aprofundamento, porque se refere, em último caso, à identidade do próprio homem (uma espécie de antropologia da infinitude tecnológica em termos foucaultianos) e seu destino.

## Bibliografia

BERNSTEIN, Anya. Freeze, die, come to life: the many paths to immortality in post-Soviet Russia. *American Ethnologist*, v. 42, n. 4, p. 766-781, Nov. 2015.

BIBLIA – Bíblia de Jerusalém. Bilbao Paulo: Desclée de Brouwer, 2009.

BRAY, Gerald. *1-2 Corintios*. Madrid: Ciudad Nueva, 2001.

CHAN, Sarah; HARRIS, John. Post-What? (And Why Does It Matter?). In: LIPPEERT-RASMUSSEN, K; THOMSEN, M. R.; WAMBERG, J. [Ed.]. *The Posthuman condition: ethics, aesthetics and politics of biotechnological challenges*. Conpenhagen: Aarhus University Press, 2012. Cap 5, p. 75-87.

DICKEL, S.; FREWER, A. L. Life Extension: Eternal debates on Immortality. In: RANISCH, R.; SORGNER, S. L. *Post- and Transhumanism: an introduction*. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, 2014. Cap 8, p. 119-131.

FULLER, Steve. Evolution. In: RANISCH, R.; SORGNER, S. L. *Post- and Transhumanism: an introduction*. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, 2014. Cap 12, p. 201-211.

HAYS, Richard B. *First Corinthians*. Louisville: John Knox, 1997.

HORSLEY, Richard A. *1Corinthians*. Nashville: Abingdon Press, 1998.

HUGHES, James. Politics. In: RANISCH, R.; SORGNER, S. L. *Post- and Transhumanism: an introduction*. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, 2014. Cap 8, p. 133-148.

LIPPEERT-RASMUSSEN, K; THOMSEN, M. R.; WAMBERG, J. Posthuman Horizons and Realities: Introduction. In: LIPPEERT-RASMUSSEN, K; THOMSEN, M. R.; WAMBERG, J. [Ed.]. *The Posthuman condition: ethics, aesthetics and politics of biotechnological challenges*. Conpenhagen: Aarhus University Press, 2012. p. 7-18.

MIAH, A. A Critical History of Posthumanism. In: GORDIJN, B.; CHADWICK R. *Medical Enhancement and Posthumanity*. Oxford: Oxford University, Springer, 2008. Cap 5, p.71-94.

MUTTO, Carlos A. O pós-humanismo bate à porta: do Homo sapiens ao ciborgue. *IHU Online*, São Leopoldo, publicado 23 jan. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595823-o-pos-humanismo-bate-a-porta-do-homo-sapiens-ao-ciborgue>>. Acesso em 18. Fev. 2021.

PEDERIVA, Maria Teresa P. O que é melhor: humano ou trans-humano?. Tradução Moisés Sbardelotto. *IHU On-line*, São Leopoldo, publicado 17 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564972-o-que-e-melhor-humano-ou-trans-humano>>. Acesso em 18. Fev. 2021.

SORGNER, Stefan. L. Pedigrees. In: RANISCH, R.; SORGNER, S. L. *Post- and Transhumanism: an introduction*. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, 2014. Cap 1, p. 29-47.

TIROSH-SAMUELSON, H. Religion. In: RANISCH, R.; SORGNER, S. L. *Post- and Transhumanism: an introduction*. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, 2014. Cap 2, p. 49-71.

VAL, Jaime del; SORGNER, Stefan Lorenz. A Metahumanist Manifesto. In: *The Agonist* New York: Nietzsche Circle [e-journal], IV, Issue II, 2011, <[http://www.nietzschercircle.com/agonist/2011\\_08/metahuman\\_manifesto.html](http://www.nietzschercircle.com/agonist/2011_08/metahuman_manifesto.html)>. Acesso em 27 jan. 2021.

ZIZIOULAS, Ioannis. *Eucaristia e Reino de Deus*. Tradução Antônio Ranzolin, Lino Breda. Florianópolis: Ed. Mundo e Missão. 2014.

amDg